

A ressignificação das práticas educacionais na Pós-Graduação em Comunicação Social na pandemia da Covid-19¹

Arlete NERY²

Natalia MACHADO³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Temos como objetos centrais o *Google Meet* e *Zoom* e o nosso objetivo foi investigar o uso das ferramentas nas aulas remotas na disciplina de Docência no Ensino Superior em Comunicação, na Pós-Graduação em Comunicação Social, tendo como pano de fundo o inédito cenário pandêmico. Através de um Estudo de Caso, veremos quais os tipos de aprendizagens (MIZUKAMI, 1986) que podem ser incorporados às novas maneiras de ensinar, em um panorama remoto que difere do ensino a distância. O objetivo é focar em aulas que estimulem as práticas interativas entre docentes e discentes e entender como a educação remota pode se diferenciar do ambiente de sala de aula monológico convencional. Como resultado temos ferramentas ativas que facilitam a aprendizagem em torno dos conteúdos propostos e permitem uma troca informacional mais variada.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ensino Remoto; Comunicação Social; Pandemia

INTRODUÇÃO

A educação vem sofrendo grandes transformações no contexto atual de pandemia. Desde o final de março de 2020, vivemos um inédito isolamento social que vem sendo prorrogado por muitos meses e ainda parece longe de terminar. Por isso, pensar a educação nessa conjuntura deve levar em consideração diferentes fatores que permitam aos estudantes a terem acesso às novas plataformas digitais. Nosso objetivo é entender como as práticas de ensino superior podem se comportar neste momento pandêmico e de que forma a mudança no panorama educacional se dá no tocante à ressignificação do ensino trazendo os alunos para uma nova realidade social. Desta forma, buscamos

¹ Trabalho apresentado no GP de Comunicação e Educação XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestre em Ciência da Informação pela Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação pelo IBICT-UFRJ. E-mail: arletenery@gmail.com

³ Doutoranda em Mídia e Cotidiano pelo Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano pela UFF. Mestre em Comunicação pela PUC-Rio. E-mail:nataliadossantosmachado87@gmail.com

entender como a prática pedagógica vem sofrendo alterações nos modelos de ensino remoto e se diferenciando, tanto do ensino EaD quando do presencial, no curso de Pós-Graduação em Comunicação Social, em especial na disciplina de Docência no Ensino Superior em Comunicação.

A metodologia utilizada foi um Estudo de Caso do ambiente da sala de aula virtual, da disciplina de Docência no Ensino Superior em Comunicação. Como visamos entender a contribuição destas ferramentas para outros níveis virtuais de docência, buscamos esta metodologia de análise como ponto de partida para os alvos a serem elucidados, tanto o *Google Meet* quanto o *Zoom*. Apesar do Estudo de Caso fomentar uma análise profunda de seu objeto, o nosso foco é apenas fazer uma breve explanação em torno destas práticas tecnológicas e sua relação com o meio, incitando no campo acadêmico uma otimização docente e discente em torno destas plataformas digitais.

O objeto a ser investigado são essas duas plataformas de ensino, *Google Meet* e *Zoom*, que permitem a interatividade entre aluno e professor, tendo como objetivo entender as suas funções, problemáticas, práticas e usos, em favor deste intercâmbio digital. Desta forma buscaremos contribuir com a educação e as formas remotas de ensino, neste momento, entendendo como alunos e professores podem usufruir destas ferramentas, com o foco nos usos e práticas comunicacionais.

PRÁTICAS E USOS DO *GOOGLE MEET* E *ZOOM*

Antes de iniciar a análise, é importante salientar que, embora haja um leque variado de ferramentas tecnológicas disponíveis no mercado, a escolha de examinar pelas duas ferramentas propostas deu-se, unicamente, pela experiência vivida em aula com as mesmas, não tendo nenhum caráter de preferência por esses dois recursos em detrimento de outros. No caso específico do *Google Meet* temos diferentes recursos de ensino como a plataforma *Jamboard*, quadro interativo que permite a todos os estudantes terem acesso no mesmo momento da aula, fazendo uso compartilhado desta tecnologia, com complementações, desenhos, imagens. A colaboração e a participação dos alunos que utiliza a tecnologia *Google Cloud*, em que diferentes dispositivos como o celular *smartphone*, *tablet* ou *notebook* é fundamental para o acesso a este conjunto de ferramentas avançadas de edição entre alunos e professores.

Um outro ponto bastante interessante é que as aulas podem ser todas editadas pelo *Jamboard* e, automaticamente, são salvas pelo *Google Drive*. Assim, há a possibilidade de serem enviadas em tempo real pelo chat para os alunos acompanharem ou, até mesmo, salvar e enviar o material após a aula para que seja documentado pelos estudantes.

Abaixo, temos uma aula produzida pelo *Jamboard* sobre Estudos Culturais, em que a sugestão da atividade era de que os alunos completassem o quadro com o que viesse a mente sobre a temática sugerida. Sendo assim, cada discente acrescentou um ou mais *post-its* referindo-se ao que pensou sobre o assunto.



Fonte: MACHADO, Natalia, 8/07/2020. Slide apresentado em aula do Programa de Pós-Graduação e Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF). Ver em <https://jamboard.google.com/d/1PRokTG1RyOCC0p64kjoH55G9nwKNf6DrxdcCWw3ycRE/viewer?f=0> Acesso em 02/11/2020

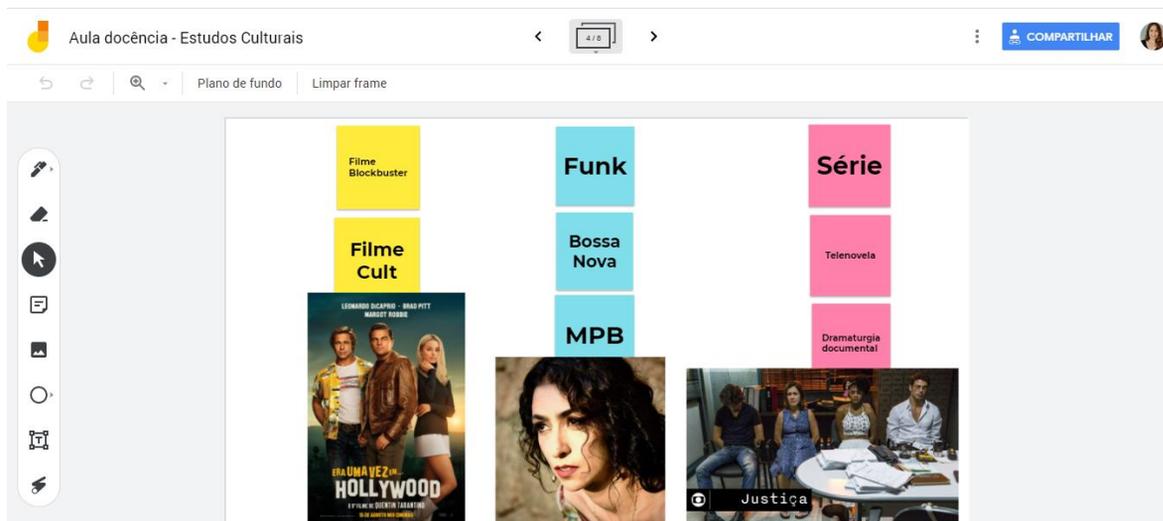
Na próxima imagem, temos outra atividade da aula no próximo *frame* (quadro branco). Como podemos perceber, temos *post-its* espalhados com diferentes respostas referentes ou não aos Estudos Culturais. O objetivo era que os alunos encontrassem as palavras-chaves indicativas à corrente teórica em questão. Cada um circundou com a opção da caneta o que julgava ser a resposta correta.



Fonte: MACHADO, Natalia, 8/07/2020. Slide apresentado em aula do Programa de Pós-Graduação e Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF). Ver em <https://jamboard.google.com/d/1PRokTG1RyOCC0p64kjoH55G9nwKNf6DrxdcCWw3ycRE/viewer?f=1> Acesso em 02/11/2020

Uma função bastante útil do *Jamboard*, além da criação de *post-its*, é a de adicionar imagens diretamente do *Google* para a plataforma. Para adicioná-las basta clicar no quinto item de cima para baixo, digitar o que se pretende pesquisar e adicionar.

Na próxima imagem, temos uma aula em que a professora fomentou a discussão entre os alunos, em torno dos Estudos Culturais, utilizando diferentes imagens buscadas na internet.

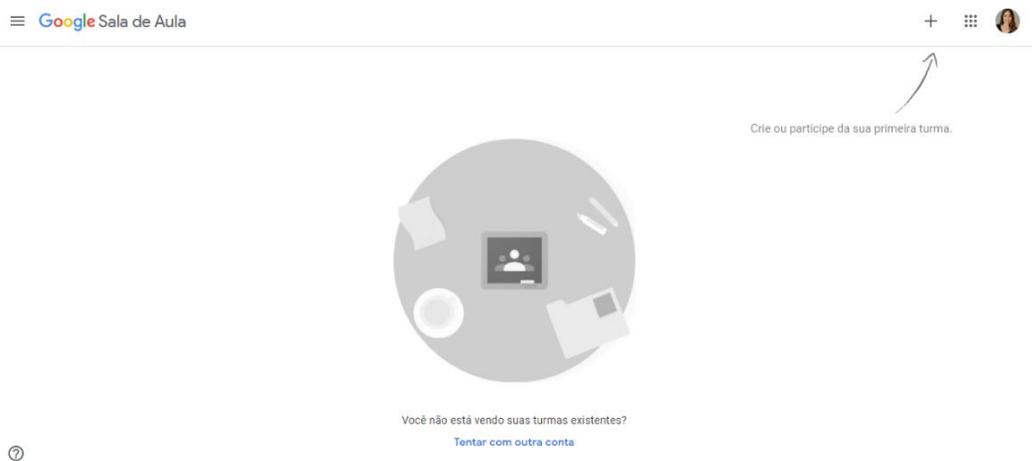


Fonte: MACHADO, Natalia, 8/07/2020. Slide apresentado em aula do Programa de Pós-Graduação e Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF). Ver em <https://jamboard.google.com/d/1PRokTG1RyOCC0p64kjoH55G9nwKNf6DrdxccWw3ycRE/viewer?f=3>
Acesso em 02/11/2020

Além disso, temos o *chat*, considerado um recurso eficiente de comunicação por meio de mensagens escritas durante a aula, em que é possível o envio de informações complementares, *links* de vídeos, textos e, inclusive, o *link* do *Jamboard* para que os usuários possam acessar em tempo real. Com isso, percebemos que atualmente as novas ferramentas de ensino são otimizadas com diferentes recursos comunicacionais dentro de uma sala de aula interativa.

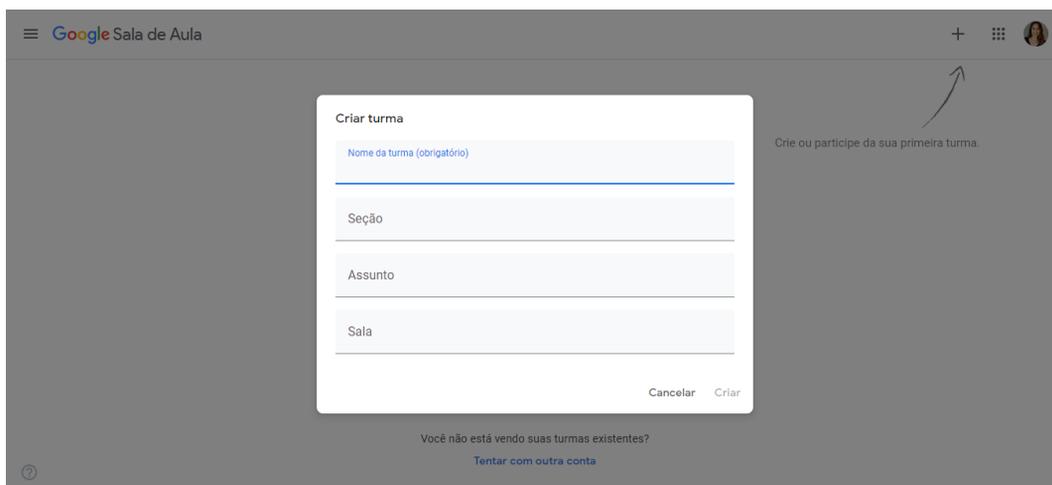
O *Google Sala de Aula* também facilita bastante o trabalho dos professores com a possibilidade de disponibilizar a aula para os alunos no *Drive*, um serviço de armazenamento e sincronização de arquivo.

Basta clicar no ícone superior direito simbolizado pelo + (crie ou participe da sua primeira turma) como vemos abaixo.



Fonte: Google Sala de Aula

A partir daí é só completar os dados na plataforma com o nome da turma, o assunto e a sala. No espaço temos disponível a tarefa para cada aluno executar, otimizando assim o gerenciamento de ensino e a aprendizagem na organização de tarefas e no aumento de atividades.

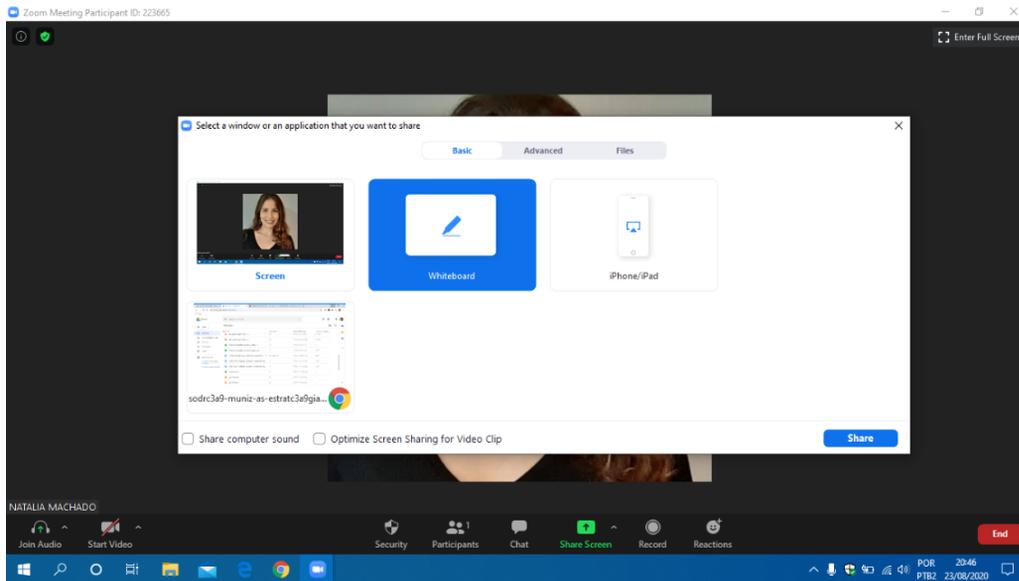


Fonte: Google Sala de Aula

Em cada plataforma de conferência remota temos acesso a diferentes recursos. No *Zoom* encontramos a opção do *Whiteboard*⁴ no qual o professor pode escrever em um quadro branco durante a aula. Existem diferentes possibilidades de edição como a caixa de texto, os desenhos em diferentes formatos, círculos, retângulo, quadrado, borracha e no final este quadro também pode ser salvo.

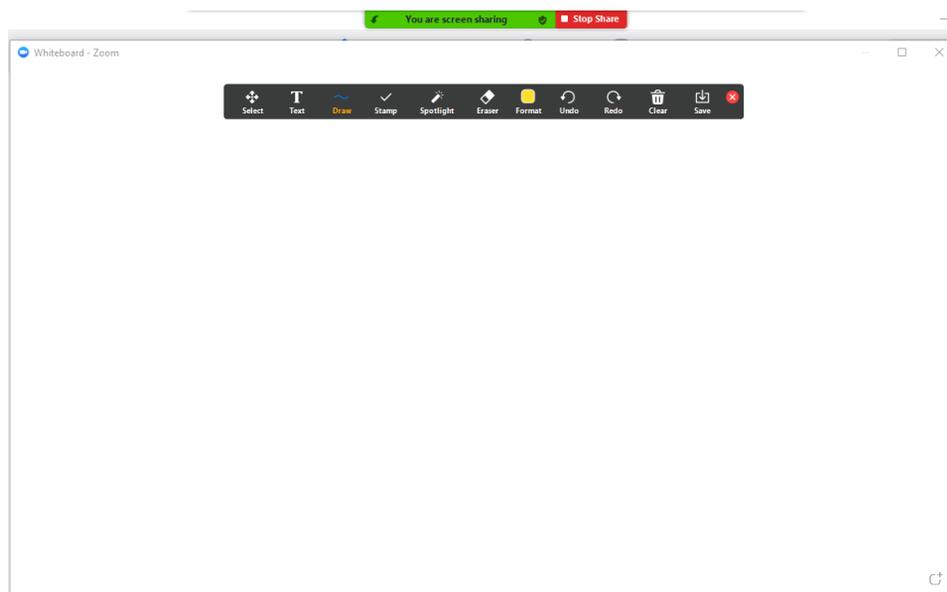
⁴ Diferente do *Jamboard*, este recurso é nativo do *Zoom*.

Basta clicar na opção *Share Screen*, na barra horizontal inferior localizada ao lado do *chat*, em verde. Após clicar é só selecionar a opção *Whiteboard* e acessar o quadro, conforme vemos abaixo.



Fonte: Zoom

Ao clicar na opção *Whiteboard* encontramos o quadro abaixo com diferentes funções, texto, desenho, borracha, etc. É só escrever na lousa e clicar em *save* para salvar.



Fonte: Zoom

Além disso, podemos gravar aulas no aplicativo, de diferentes formas. A primeira e mais tradicional, em que o professor fica em primeiro plano, a segunda com compartilhamento dos slides e acessos à Internet junto com a aula e a terceira em que utiliza a função do quadro branco para

explicar e explicar o conteúdo. Após salvar, na opção *record* já é transformada para o formato MP4, podendo assim ser compartilhada e enviada para os alunos.

Dentro do contexto pandêmico, estes novos caminhos para a educação com diferentes usos da tecnologia, se diferenciam do modelo EaD de forma a simular o encontro presencial; com o professor da disciplina disponível diariamente, ou na data marcada para determinada disciplina; cronograma mais flexível e ajustado de acordo com o momento no qual estamos vivendo; mais atividades síncronas e avaliações centradas nas demandas de aula.

No modelo EaD temos uma modalidade educacional voltada para uma autonomia do aluno, em que ele tem acesso ao conteúdo dentro das plataformas de ensino, respeitando as demandas do curso e dos limites de tempo. Além disso, temos um professor disponível dentro de horários pré-estabelecidos, mas não a todo instante. Assim sendo, nos deparamos com uma hierarquia de ensino muito mais autônoma do que de dependência entre o professor e o aluno (ALMEIDA, 2003). Encontramos na maior parte do tempo aulas gravadas, sendo até possível a interação entre aluno e professor, ainda de forma totalmente assíncrona. As aulas gravadas pelos professores são disponibilizadas na rede para que os alunos tenham acesso contendo um cronograma já padronizado de ensino. Por isso, vale lembrar que a EaD se refere a formação realizada com distância física e eventualmente cronológica entre aluno e professor.

Segundo Maria Elisabeth Almeida

A utilização de determinada tecnologia como suporte à EaD "não constitui em si uma revolução metodológica, mas reconfigura o campo do possível" (Peraya, 2002, p. 49). Assim, pode-se usar uma tecnologia tanto na tentativa de simular a educação presencial com o uso de uma nova mídia como para criar novas possibilidades de aprendizagem por meio da exploração das características inerentes às tecnologias empregadas (ALMEIDA, 2003, p. 329).

É mais comum presenciarmos a Educação a Distância como aderente a uma metodologia tradicional de ensino, acoplada aos novos recursos tecnológicos para simulação do real com facilidades e limitações como de qualquer dispositivo. Dessa forma, a EaD, como modalidade educacional alternativa para transmissão de conhecimento tornou a educação convencional acessível às pessoas residentes em áreas isoladas ou àqueles que não tinham condições de cursar o ensino regular no período apropriado (ALMEIDA, 2003).

NOVAS FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS DE ENSINO REMOTO

Renata Carvalho (2013, p. 19) argumenta que a docência não se restringe nem à escola, nem às salas de aula. É uma relação entre as vidas dos professores, dos alunos, as instituições e a sociedade, com enorme potencial de interferência nas tomadas de decisões das pessoas envolvidas e, conseqüentemente, no futuro da humanidade. Assim, no contexto no qual nos debruçamos em 2020 da pandemia, é importante levar em consideração o método de avaliação e a relação estabelecida de intimidade com os alunos, pois temos acesso às aulas através do computador pessoal de cada um dentro do ambiente privado. Além disso, levamos em consideração o horário, a logística de acesso, a pontualidade e os atrasos, as formas de interação, a qualidade de Internet, a abertura ou não da câmera. Todos esses fatores são novas demandas que devem ser apresentadas e levadas em consideração em um novo contexto de educação no ensino superior em Comunicação Social.

Muniz Sodré (2012) apresenta o ponto de vista de redescrição do pensamento e das práticas da educação no livro *Reinventando a educação*, não apenas na pedagogia, como nas doutrinas educacionais, recriando espaços. Portanto, não se trata somente de redescrever, mas de instalar o que interpretamos em um novo lugar onde a tecnologia é prevalente no âmbito, primordialmente, da comunicação eletrônica, como a televisão e as mídias. Logo, a reinvenção é uma reinstalação do processo educacional no tempo.

Segundo Sodré (2012) o pensamento sobre a educação deve mudar. Educar não é apenas instruir. Educar é socializar e capacitar individualmente um sujeito. As matrizes e os modelos desse projeto são racistas e etnocentristas. Não se mudou o modelo que a Europa nos impôs de educação há dois ou três séculos. Assim sendo, para reinstalar, repensar e reescrever temos que descolonizar o pensamento que molda a cabeça dos nossos professores. Descolonizar, à vista disso, é abrir o pensamento da educação para a diversidade cultural. Sendo este um tipo de conhecimento voltado para uma ecologia dos saberes. E esse saber imperialista, tradicional, europeu cultural é o conhecimento monológico, fechado que já conhecemos no nosso cotidiano como pratica corriqueira de ensino.

Como exemplo institucional temos a escola no Brasil, cujo modelo, do século XIX, segue o da igreja e o prisional. Sob o estilo de salas fechadas, com o saber organizado em séries, como se fossem os vigilantes na cadeia ou o carcereiro com os alunos, a escola obedece este padrão visto nas prisões. Esse arquétipo prisional e o cristão ainda estão vigentes em nossa sala de aula. A escola é uma forma moderna de capacitação do saber, portanto não precisa de paredes de transmissão do saber e de capacitação para as profissões, como o caso das universidades, os suportes de ensino podem ser

móveis. É fundamental socializar tecnologicamente, pois a tecnologia oferece a forma de consciência que temos hoje (SODRÉ, 2012).

“Se nós pensamos que tecnologia é apenas um instrumento, nós não entendemos a essência nem de longe do que pode ser a tecnologia”, argumentou Sodr⁵. Percebemos um tipo de tecnologia provocativa incitando-nos a sair de uma razão lógico-instrumental e caminhar em direção a uma ampliação de consciências, dispositivos e lógicas advindas por estes novos fenômenos da tecnologia.

Estamos entrando em uma era estética e o período pandêmico é a consolidação de uma readaptação das práticas voltadas para uma nova lógica do sensível e dos afetos (SODRÉ, 2006). Os professores são convidados e praticamente pressionados a esta nova prática de sala aula, pois foram atingidos por este novo sensível, em vista da realidade de isolamento da quarentena. Por isso, é preciso pensar o lugar que estamos ocupando tanto como alunos quanto docentes. Pois, baseados na visão de Sodr⁶, só nos transformamos a partir da nossa aldeia, comunidade, lugar. Só mudamos quando atingimos o sensível, que é a lógica da estética. “Você só se universaliza a partir de sua aldeia, de sua pequena tribo, de sua casa, de sua cidade e de seu país. Por isso as mudanças só se dão de forma concreta, quando pensamos o local onde vivemos, ou seja, o Brasil”, disse ele em entrevista dada a UNIVESP.

A pandemia vem como uma derrocada de poderes e impeditivos, porém segue também como um convite a habilidades cognitivas voltadas para as tendências tecnológicas no trato de ensino.

Renata Carvalho (2013) corrobora o pensamento de Sodr⁷ (2012) ao entender que a educação precisa ser repensada, neste caso, no campo do ensino superior em comunicação social.

Com a intenção de esclarecer as relações sociais na sociedade contemporânea causadas, principalmente, pelos avanços tecnológicos e pelas diferenças sociais, diversas expressões foram utilizadas por estudiosos e pesquisadores (CARVALHO, 2007). Entre as denominações que se apresentam, é possível perceber que constantes alterações na Comunicação Social e na educação têm ocorrido e, conseqüentemente, a presença de novos fatos e relações clama pela urgência de um repensar da educação (CARVALHO, 2013, p. 32).

Não é por acaso que a Educação Superior, pela exigência da legislação brasileira, deva sustentar-se na tríade ensino, pesquisa e extensão, mas é pela necessidade da formação adequada aos futuros cidadãos, conscientes de sua responsabilidade social (CARVALHO, p. 50, 2007). Para tal é recomendável que os alunos tenham contato e apliquem o conhecimento de forma iniciante e experimental sob a supervisão de professores, antes de atuarem sozinhos. Desse modo, as instituições

⁵ Entrevista de Muniz Sodr⁸ sobre o livro Reinventando a Educação: diversidade, descolonização e redes para o canal da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Ver em <https://www.youtube.com/watch?v=XzIIX98vuKw> Acesso em 02 de novembro de 2020

de ensino superior devem baixar as barreiras que podem separar os muros dos *campi* acadêmicos do contexto privado e social de cada aluno. Uma vez que existam fronteiras entre estes dois universos, o acadêmico e o social.

Por isso, é possível perceber como é necessário que haja interação entre o professor e o aluno, no sentido de otimizar as práticas docentes e o desenvolvimento discente, para que o saber seja de fato compreendido e apreendido e não apenas que o professor exerça um monólogo dentro de sala de aula.

A ABORDAGEM TRADICIONAL NO CONTEXTO DA NOVA EDUCAÇÃO REMOTA

Ao analisar o sistema tradicional, vemos que é uma abordagem bastante limitada dentro da sala de aula e com pouca conexão dos alunos. A relação é o que chamamos de vertical: o professor detentor do conhecimento, transmite-o e o aluno apenas capta o que é passado. Desta forma, o ensino nessa abordagem é centrado no professor e ao que é externo ao aluno: os programas, as disciplinas (MIZUKAMI, 1986).

As aulas são expositivas e a reprodução dos conteúdos feita de forma automatizada é considerada como sinal indicador de que houve aprendizagem, pois os conteúdos das aulas já vêm prontos, como modelos pré-estabelecidos. Aebli (1978) comenta que seus elementos fundamentais são imagens estáticas que, progressivamente, serão “impressas” nos alunos, cópias de modelos do exterior que serão gravadas nas mentes individuais. Percebe-se também que este tipo de ensino lança mão, na prática, da atividade dos alunos. O processo de aprendizagem é considerado um fim em si mesmo, e o assunto tratado acaba com a conclusão do professor e se prolonga com exercícios de aplicação, repetição e recapitulação.

Os meios de avaliação também são precários, visto que o aluno tem de reproduzir com exatidão o conteúdo que foi exposto em sala de aula com exames e provas. A avaliação é realizada predominando a reprodução do conteúdo dado em sala e as notas funcionam como um nivelamento a nível social e cultural. E como validação deste processo temos o diploma final.

Devido a estes fatores, identificamos um conjunto de problemas neste modelo de aprendizagem, pois a escola é vista como um ambiente físico, rígido, para que o aluno não se distraia, sendo assim o coadjuvante nesse processo. Com isso, o aluno é visto como um receptor de conteúdo, a partir de uma ótica individualista praticada em sala de aula, em que o professor é o condutor das práticas educacionais. Assim, as diferenças individuais são descartadas na aquisição desses conhecimentos. Neste método temos uma tendência em tratar todos da mesma forma,

homogeneizando o ensino. Por este motivo, existem dificuldades no que se refere ao entendimento individual, pois o resto da turma fica isolado quando se atende a um aluno em particular.

A prioridade deste estilo é a disciplina intelectual e os conhecimentos abstratos, com a concepção estática do conhecimento e a ênfase focada na intervenção do professor para que a aquisição dos saberes seja garantida. De acordo com essas aplicações de ações pedagógicas, apesar das problemáticas envolvidas, ainda assim, a temos como base para todas as demais abordagens, pois é vista como uma prática de geração em geração (MIZUKAMI, 1986).

A escola, no entanto, não é estática, ela muda em função de novas formações sociais. Nesse sentido, apesar de a abordagem tradicional ainda ser amplamente utilizada, suas lacunas propiciaram o surgimento de pedagogias alternativas a partir de movimentos denominados de "educação nova".

NOVOS MEIOS E NOVAS MEDIAÇÕES - A QUESTÃO DA ÉTICA NA MEDIAÇÃO NO AMBIENTE DE EDUCAÇÃO DIGITAL

Antes de nos debruçarmos sobre essa questão, é preciso compreender as peculiaridades que diferenciam o ensino remoto do EaD. Embora esta sigla designe Ensino a Distância, e possa até ampliar o campo de significação para tudo o que envolva a construção de conhecimento em um espaço físico de distanciamento, há algumas normativas legais que regem o EaD, e que criam a apropriação semântica para o uso do termo. A lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, regulamentou o modelo de Ensino a Distância e criou prerrogativas para que instituições de ensino ofereçam cursos à distância, seja de graduação ou pós-graduação, necessitando para isso de autorização do Ministério da Educação. Para o credenciamento desses cursos, foram criados o artigo 80 da referida lei e o Decreto nº 9.057. Nele fica especificado que a educação a distância deve ser organizada com abertura e regime especiais, sendo oferecida por instituições credenciadas pela União, que fica responsável também por regulamentar os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos aos cursos de EaD. As normas para produção, controle e avaliação dos programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas. Já o decreto 9.057 regulamenta o artigo 80 da lei nº 9.394. A principal diferença entre eles é que a lei estabelece as diretrizes e bases da educação nacional no geral e o decreto é referente a sessão de educação de nível superior. De acordo com os termos do decreto, os cursos de educação superior podem ser ofertados na modalidade EaD, desde que sejam observadas as condições de acessibilidade e meios utilizados. O decreto considera a modalidade a distância como uma modalidade educacional que acontece com a utilização de meios e

tecnologias de informação e comunicação, desenvolvendo atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (Portal MEC, 2019). Ao contrário do que muitos pensam, portanto, a caracterização de um curso como EaD não se define pelo ferramental utilizado, mas pelo conteúdo programático e a forma resolutiva que se apresenta para certificação, tendo para isso o aval do MEC através das prerrogativas do ministério, quando atendidas.

O que estamos vivendo agora se adequa muito mais ao modelo remoto de ensino, que ainda não tem um nome próprio para ele, tendo muito mais relação com a necessidade de adaptação das restrições de aglomerações que nos impôs a pandemia, do que com um modelo que deve seguir as normativas impostas na lei acima citada. Mas, apesar disso também há leis promulgadas pelo MEC que regulamentam o ensino remoto/emergencial durante a pandemia. O que se pode fazer, e seria bastante providencial, é a recorrência às resoluções inscritas no ministério para o melhor uso das ferramentas, bem como a documentação do que está sendo realizado nesse período, a título de memória e conteúdo de consulta e pesquisa a ser visto como forma de propor melhorias ao modelo hoje inscrito nos órgãos formais de educação (CNE, Sindicato dos Professores, ONG's, etc). Esse é o movimento que está sendo feito neste trabalho, o que, necessariamente, leva a buscar no conteúdo da Ética da Informação elementos que possam vir a fomentar este contributo.

Capurro (2002) diz que embora o conhecimento e a sua comunicação sejam fenômenos básicos de toda sociedade humana, é o surgimento da tecnologia da informação e seus impactos globais que caracterizam a nossa sociedade como uma sociedade da informação. Neste novo circuito de troca informacional, as ferramentas utilizadas atuam como facilitadoras da transmissão do conhecimento, mas não construtoras, tampouco interventoras do mesmo. Não se pode negar, contudo, o papel reconfigurador destas ferramentas, no sentido de construção discursiva, que agora divide o protagonismo do ato educacional com o professor. Ao contrário dos recursos interacionais de uma aula convencional, como quadro, *pilot*, e *data show*, o processo de aula com as ferramentas on-line, principalmente pelo ineditismo do momento em que se apresentam, acabam por promover uma releitura das relações de poder e afetos dos indivíduos nele envolvidos. Sua peculiaridade está no fato de se estabelecer uma disputa da atenção, que ressignifica o aspecto do vínculo em um espaço que é virtual, mas cuja expectativa da simulação do presencial é muito grande. Nesse sentido, quanto mais recursos que aproximem os participantes em um contexto de aula, maior será a sensação de eficiência e eficácia naquilo que é proposto transmitir. Em contrapartida, quanto mais esses recursos ganham destaque em sua proposição educativa, menos visível será o protagonismo dos agentes envolvidos neste processo, ou seja, o professor e o aluno. Em termos de conteúdo ético, a grande questão é: qual seria o limite desse protagonismo tecnológico em detrimento do humano?

Ao longo da história da humanidade, a informação tem se estabelecido como eixo mediador na articulação das relações humanas, visando o protagonismo social na vida dinâmica do coletivo (SHERA, 1988). Quando o protagonismo social se instala, ele promove ações mediadoras de conteúdo diverso, com a responsabilidade de promover um encontro problematizador com a visibilidade humana. O professor, como mediador, e as ferramentas de educação, como mídias, permeiam uma informação que é gerada a partir da ação com o outro. Considerando que a construção do conhecimento se dá a partir da troca de informações, é possível dizer que, sem interação humana é impossível construir conhecimento.

A informação, portanto, independente da forma como é conduzida, é um interferente na construção dos sujeitos, das culturas e das relações sociais. Sua mediação será sempre muito mais importante do que os meios nos quais ela circula, por mais desenvolvido, genuínos e inovadores que eles sejam. O professor, como mediador, tem um papel vital na promoção informacional. E mesmo diante de recursos tecnológicos que alterem as interações humanas, sua atuação deverá ser sempre imparcial. A informação é uma cadeia sistêmica entre conteúdo e operações de ordem tecnológica, que assegura o compartilhamento desse conteúdo, e o processo de recepção por parte do usuário, ou seja, aquele que encontra a informação que vai produzir sentido a partir desse encontro. A essa cadeia Shera (1988) chamou de Trindade do Atomismo, referindo-se à relação estreita entre comunicação, informação e conhecimento. No contexto das ferramentas utilizadas no ensino remoto, poderíamos entender o pensamento do autor como o princípio que relaciona todas as coisas, e que formam o ser. Desta forma, a interação entre comunicação (ferramentas), informação (conteúdo das aulas) e conhecimento (arcabouço formado no momento derradeiro) fornecem uma nova concepção de ser, cujas representações podem ou não apresentar um novo modelo de sociedade, que só se revelará no futuro, trazendo a hipótese do surgimento de novos regimes de informação que envolverão novos agenciamentos, novos agentes mediadores, novos dispositivos tecnológicos, novas articulações de linguagens, novas comunidades discursivas e novas intencionalidades (SHERA apud WRIGHT, 1988).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário pandêmico trouxe desafios para todos os setores da vida em sociedade. Não poderia ser diferente com a educação, incluindo o segmento que ora analisamos. Muito tem se falado nos últimos tempos acerca do cenário visivelmente excludente da realidade brasileira acerca do acesso às novas tecnologias e, por conseguinte, às aulas e projetos pedagógicos on-line. E essa é, sim, uma perversa realidade com a qual teremos que lidar e solucionar.

Contudo, no que se refere ao Ensino Superior, em especial à Pós-Graduação, devido à experiência digital dos usuários e ao próprio perfil socioeconômico dos alunos, a educação por via digital mostra-se um instrumento de facilitação de acesso, nem sempre representando uma barreira intransponível para o desenvolvimento do conteúdo programático do curso que oferece a aula. Apesar de sabermos que a conexão ainda é um problema que assola muitos estudantes e professores, dificultando o acesso às aulas remotas.

Há outros aspectos, entretanto, que devem ser relevados neste novíssimo processo educacional, como as novas significações da informação e do próprio processo comunicacional. E, vinculados a isso, a questão ética envolvida nesse processo, da qual tratamos no item anterior.

Neste contexto, as ferramentas on-line aqui apresentadas, *Google Meet* e *Zoom*, terão um papel ativo na construção do conhecimento e do sujeito, não só no presente, mas sobretudo no futuro. A dimensão ética é primordial nesse processo, assegurando a liberdade de expressão e julgamento do professor acerca da efetividade das ações propostas e da neutralidade de julgamento que, eventualmente, a própria ferramenta poderia promover no processo educacional. Quando a dimensão ética se apresenta, assegura-se o respeito à alteridade. E quando ela rege as demais dimensões, a mediação da informação alcança a sua dimensão política, porque todos os envolvidos conseguem compreender a importância da luta pelo respeito à alteridade. A importância de defender o livre pensar, defender o acesso e uso da informação, e a oportunidade de associação de conteúdos por parte de todos os sujeitos como um direito legítimo de todos os seres humanos.

O limite do protagonismo das ferramentas tecnológicas de ensino é o próprio limite ético de protagonismo do agente educacional, ou professor. E para conseguir êxito neste intento, deve haver o exercício do cuidado de compreender todos os envolvidos nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 29, n. 2, dez. 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 de agosto de 2020.

CAPURRO, Rafael. **Epistemologia e Ciência da Informação**. In: ENANCIB V, 2003. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

CARVALHO, Renata Inecco Bittencourt de. **A Prática Pedagógica do Bacharel Professor da Área de Comunicação Social**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bookmakers, 2013.

ENTREVISTA COM MUNIZ SODRÉ PARA A UNIVESP – Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XzIIX98vuKw> Acesso em 05 de agosto de 2020.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: As Abordagens do Processo**. São Paulo: EPU, 1986.

PORTAL MEC, 2019. **Legislação Ensino a Distância**. Disponível em <https://www.gov.br/mec/pt-br> Brasília. 2020. Acesso em 03 de novembro de 2020.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes**. Vozes, 2012.

WRIGHT, H. Curtis. Jesse Shera, **Librarianship, and Information Science**. Brigham Young University's School of Information Sciences. Provo, Utah. 1988.